


Uma análise do livro *Irmãs do Inhamitanga* de bell hooks: interseccionalidade e constituição de afrosujeitividade de mulheres negras

ARTIGO

Carine Campos Santosⁱ 

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG, Brasil

Leiliane da Silva Bernardesⁱⁱ 

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Unesp, Franca, SP, Brasil

Sara Santos Dias Costaⁱⁱⁱ 

Faculdades Associadas de Uberaba - FAZU, Uberaba, MG, Brasil

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro^{iv} 

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), SC, Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo promover análises interseccionais sobre a constituição de afrosujeitividade em mulheres negras no Brasil, a partir da leitura da obra literária *Irmãs do Inhamitanga* de bell hooks. A autora realiza um movimento de insurgência, propondo elaborações epistemológicas criativas e potentes acerca das resistências e existências de mulheres negras. Este trabalho é fruto de encontros promovidos pelo Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Relações Étnico-Raciais (NEGREPSI), tratando-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e de natureza exploratória. Foram utilizadas referências interdisciplinares para pensar os impactos do livro na saúde mental de mulheres negras e no combate às violências raciais e de gênero. Concluímos que a obra *Irmãs do Inhamitanga* tem sido fundamental para promover reflexões acerca da constituição de afrosujeitividade em mulheres negras, desempenhando um papel crucial na criação de espaços de reflexão e cura coletiva ao oferecer ferramentas essenciais para a emancipação e saúde.

Palavras-chave: Feminismo Negro. Interseccionalidade. Negritude. Literatura Negra.

An analysis of bell hooks' *Sisters of the Yam*: intersectionality and the constitution of afro-subjectivity in black women

Abstract

This article aims to promote intersectional analyses of the constitution of Afro-subjectivity among Black women in Brazil, based on a reading of bell hooks's literary work, "The Yam Sisters." The author engages in an insurgent movement, proposing creative and powerful epistemological elaborations about the resistance and existence of Black women. This work, which is the result of meetings organized by the Center for Research in Psychology and Ethnic-Racial Relations (NEGREPSI), is a bibliographic and exploratory study. Interdisciplinary references were used to consider the book's impact on the mental health of Black women and the fight against racial and gender-based violence. We conclude that "The Yam

Sisters" has been fundamental in promoting reflections on the constitution of Afro-subjectivity among Black women, playing a crucial role in creating spaces for reflection and collective healing, by offering essential tools for emancipation and health.

Keywords: Black Feminism. Intersectionality. Blackness. Black Literature.

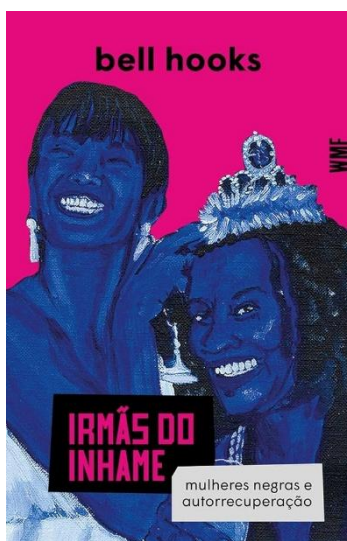
1 Introdução

2

A produção literária de autoria de mulheres negras tem um importante papel de simbolizar a esperança para o povo negro em diáspora. *Irmãs do Inhambe: Mulheres Negras e Autorrecuperação* é uma obra literária lançada originalmente nos Estados Unidos, em 1993, de autoria de Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks (1952-2021).

Reconhecida como escritora, professora e ativista negra de grande relevância para os movimentos antirracista e feminista, bell hooks (2023) se dedicou a reflexões críticas durante um período em que as mulheres negras ganhavam maior visibilidade como autoras e leitoras, principalmente por meio de narrativas ficcionais que abordavam histórias de traumas. Nesse cenário, ao investigar a não ficção, escritos terapêuticos, acadêmicos e textos mais populares, sua intenção era identificar produções que, além de promover a catarse, oferecessem guias práticos para o processo de cura, autoajuda, autorrecuperação e resistência política.

Figura 1 - Capa do livro *Irmãs do Inhame*



Fonte: Acervo Pessoal

A literatura produzida por mulheres negras desempenhou e desempenha um papel precípua na conscientização pública e no despertar crítico em relação à nossa vida emocional, à necessidade da autoajuda e à busca por formas de promover qualidade de vida e saúde. Isso se deve aos traumas históricos não resolvidos e às angústias coletivas provocadas pelos diferentes sistemas de opressão que, de certa forma, estão interligados e relacionados à raça, ao gênero, à classe e à orientação sexual, ameaçando a vida (hooks, 2023).

Considerando a leitura social, cultural e política das dores e angústias das mulheres negras (hooks, 2023; Benedito; Fernandes, 2020; Santos *et al.*, 2023), *Irmãs do Inhame* se destaca como um livro oportuno, tanto para a promoção da consciência crítica e do entendimento sobre as nossas vivências no mundo, quanto para a busca de mudanças efetivas, em que a escolha pelo bem-estar se configura como um ato político. Nas palavras da autora:

A cura acontece pelo testemunho, pela união de tudo aquilo que está aí e pela reconciliação. Este é um livro sobre reconciliação. Seu intuito é servir como um mapa, traçar uma jornada que pode nos levar de volta para aquele lugar escuro e profundo dentro de nós, onde nos demos a conhecer e a amar pela primeira vez, onde os braços que nos seguraram ainda nos abraçam (hooks, 2023, p. 42).

4

Sendo assim, o estudo se justifica pela necessidade de traçar análises literárias que considerem a realidade do povo negro, tendo em vista a importância de diálogos com a literatura que promovam a aproximação de vivências e reflexões relacionadas ao autocuidado, às relações com o corpo, às relações afetivas e familiares, à vida comunitária e, mais precisamente, às conexões diaspóricas, com ênfase específica na interseccionalidade de gênero. Dessa forma, diversas leituras teóricas e críticas, bem como reflexões, foram realizadas para auxiliar na elaboração das análises presentes nesta pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida no interior do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Relações Étnico-Raciais e Psicologia (Negrepsi), o qual se configura como um espaço de aquilombamento acadêmico entre pessoas de diferentes cursos de graduação e pós-graduação, com o objetivo de compartilhar diferentes vias de produção de conhecimento, além de ser um território de ancestralidade, fortalecimento e acolhimento de projetos e ações antirracistas.

O grupo reuniu-se quinzenalmente entre os meses de março e julho de 2024 para discutir o livro em questão. Os encontros ocorreram às segundas-feiras, às 18h, de forma *online*, por meio do Google Meet, com duração mínima de 90 minutos. Os capítulos do livro, previamente selecionados e lidos, foram discutidos de maneira sequencial ao longo dos encontros. Cabe ressaltar que estes não foram gravados, o que permitiu o compartilhamento de angústias e dores pessoais, proporcionando um espaço sigiloso e seguro.

Figura 2 - Registro dos encontros do Negrepsi para a discussão do livro



Fonte: instagram @negrepsi

Figura 3 - Registro dos encontros do Negrepsi para a discussão do livro



Fonte: instagram @negrepsi

Além disso, o Negrepsi era composto, em sua maioria, por mulheres negras. Neste espaço de reflexão, foi possível olhar para nós mesmas a partir dos elementos ofertados

por bell hooks no livro *Irmãs do Inthame*. Desse modo, além de ser um espaço de pesquisa e ensino, também se traduziu como um espaço terapêutico para homens e mulheres negras na academia. Assim, a leitura coletiva do livro mobilizou muitos conteúdos internos e fortaleceu nossa afrosujetividade, favorecendo o autoconhecimento para além das feridas coloniais impostas pelo racismo e machismo sobre nossos corpos.

2 Estratégias de autorrecuperação: “de uma mulher negra, para mulheres negras, sobre mulheres negras”

Desde o prefácio à edição brasileira, escrito pela professora de História da América da Universidade Federal Fluminense – UFF, Ynaê Lopes dos Santos, a obra destaca a importância de livros sobre mulheres negras, escritos por mulheres negras. Considerando que as violências patriarcais, sexistas e a misoginia se materializam na vida dessas mulheres, torna-se premente tecer novos significados de irmandade. Nesse sentido, o principal aspecto a ser ressaltado nesta obra é que, além de ser resultado de um coletivo formado por mulheres negras inseridas no ambiente universitário, ela reflete experiências coletivas na busca por compreender e preencher a solidão a partir de uma perspectiva política das feridas impostas.

Dizer que se trata de um livro escrito por uma mulher negra, para mulheres negras, sobre mulheres negras, é reconhecer os aspectos íntimos que constituem nossas histórias de vida, resultantes de um processo que, embora singular, também se apresenta como coletivo. Nesse ínterim de lutas contra o racismo e o sexismo, que moldam tanto a maneira como somos vistas quanto a forma como as pessoas interagem conosco, reafirmamos que o processo de cura deve, igualmente, ser coletivo — o que inclui também os homens negros, embora o foco deste manuscrito esteja diretamente voltado às mulheres negras.

Nesse sentido, bell hooks enfatiza que uma importante fonte de cura surge ao acessarmos todos os fatores que causam uma dor específica, o que implica lidar com o racismo, o sexismo, a exploração de classe, a homofobia e outras estruturas de dominação

que operam em nosso cotidiano. A criação de estratégias de resistência, tanto pessoal quanto coletiva, se desenvolve a partir de um processo de conscientização.

A autorrecuperação das mulheres negras, como toda autorrecuperação negra, é uma expressão de uma prática política libertária. Vivendo – como vivemos – em um contexto patriarcal capitalista supremacista branco, que pode melhor nos explorar quando não temos uma base firme no eu e na identidade (a consciência de quem somos e de onde viemos), escolher o “bem-estar” é um ato de resistência política (hooks, 2023, p. 39).

A respeito do processo de conscientização, Bárbara Borges e Francinai Gomes (2023) salientam que, muitas vezes, somos seduzidos pela crença de que seria mais fácil não compreender alguns processos e violências históricas. No entanto, o plano de alienação racial é um projeto político que nos impede de criar novas possibilidades de ser e existir. Ao não ver nossa cor, deixamos de olhar para nossa história e para quem somos. Assim, ressaltamos a importância de nos apropriarmos de nós mesmos, a fim de construirmos uma identidade compatível com nossos corpos, constituindo uma afrosubjetividade. Nesse contexto, a criação de estratégias de autorrecuperação se apresenta como um dos caminhos possíveis, uma vez que, como bell hooks enfatiza, o campo da saúde mental é uma área fundamental na luta pela libertação negra, em que os problemas psicológicos não são ignorados, mas podem nos conduzir a um lugar de reconciliação.

3 Irmãs do Inhame: Interseccionalidade e Afrosubjetividade

O conceito de interseccionalidade pode ser acessado em vários momentos da obra *Irmãs do Inhame* de bell hooks. Este conceito é polissêmico (Chaveiro, 2024) e foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (Crenshaw, 1997) como uma ferramenta e abordagem teórica-metodológica capaz de analisar a estrutura de opressões que sobrepõem identidades, e como elas interagem entre si na criação de experiências únicas de discriminação e privilégio. De acordo com a autora:

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

Nesse sentido, as vivências de mulheres negras, são quase sempre permeadas de violência, visto que o sistema é simultaneamente racista e machista. Assim, as experiências de opressões de gênero e opressões racistas têm sido constituintes de subjetividades, produzindo invisibilização, epistemicídio, adoecimento físico, mental e espiritual.

Diante da elucidação do conceito de interseccionalidade, podemos afirmar que a autora bell hooks tece reflexões interseccionais sobre a realidade social, cultural, psíquica e econômica das mulheres negras em um contexto de colonialidade. Além disso, ela problematiza a escassez de imagens de mulheres negras na arte, na literatura, na televisão, nas revistas, como um modo pelo qual o sistema supremacista branco utiliza para inviabilizá-las. Em sua obra, a autora aponta que a maioria das mulheres negras se percebem como feias devido ao machismo e ao racismo que operam simultaneamente ao construir subjetividades.

O livro *Irmãs do Inhame* aborda questões muito profundas sobre os modos de existência do povo negro. Uma dessas questões é tratada em um capítulo exclusivo chamado “Afastando-se do vício”. Segundo a autora, as mulheres negras, por estarem sempre em condições de muita violência, são vulneráveis aos vícios. Em suas palavras: “Os vícios costumam se tornar centrais na vida das mulheres negras quando experimentamos um estresse que influencia nossa vida” (hooks, 2023, p. 111). Nesse sentido, a intersecção entre raça/etnia e gênero produz desigualdades que aumentam as probabilidades de que mulheres negras estejam em um contexto de vício.

De acordo com bell hooks:

Considerando a forma como as pessoas negras têm sido socializadas, da escravidão até os dias atuais, a acreditar que nós apenas podemos sobreviver com o apoio paternalista de uma estrutura de poder branca, surpreende que o vício tenha se tornado tão onipresente em nossas comunidades? (hooks, 2023, p. 106).

Segundo a autora, a textura do cabelo em mulheres negras é um ponto que afeta muito a elaboração das identidades. Acessar o cabelo crespo como um lugar problemático em nosso corpo é uma construção racista e machista (hooks, 2023; Chaveiro, 2020), configurando-se como a convergência de violências. Ao longo de todo o livro, hooks segue mapeando as múltiplas opressões que produzem dores em mulheres negras, além de também traçar estratégias de fuga de tais sistemas de opressão e possibilidades de curas ancestrais que pulsam em nossos corpos.

A autora também aponta que, desde os últimos anos, as mulheres negras seguem desafiando o racismo e o sexismo de maneira coletiva. As mulheres negras têm resistido bravamente às opressões múltiplas a partir do processo de descolonização de subjetividades e de estereótipos do cis-heteropatriarcado. Esta ruptura emerge a partir do deslocamento do lugar de objeto para o lugar de sujeitas repletas de poder, as quais produzem saberes distintos das normas coloniais e machistas.

Segundo hooks, todas as pessoas negras nesse sistema colonial e eurocêntrico são feridas pela supremacia racial branca e pelo racismo. Tais sistemas têm condenado o povo negro à situação de subalternidade em uma perspectiva histórica e transgeracional. Para a autora, tais dinâmicas afetam a saúde mental, a autoestima e o bem-estar de pessoas negras, pois provocam feridas nos corações, mentes e espíritos. Desse modo, é viável compreender aspectos da afrosubjetividade na obra da autora como uma maneira de reconhecer e valorizar as histórias de pessoas negras em diáspora, a fim de promover saúde mental a essa comunidade.

Antes de compreender o conceito de afrosubjetividade, introduziremos a noção de afrocentricidade. O filósofo e cientista Molefi Kete Asante (2009, 2016) destaca que “A Afrocentricidade é uma crítica à dominação cultural e econômica, além de representar um ato de presença psicológica e social em resposta à hegemonia eurocêntrica” (Asante,

2016, p.10). Segundo Asante, a valorização da cultura africana deve fundamentar uma nova abordagem do conhecimento, com o intuito de desenvolver estratégias de sobrevivência, construção de saberes e promoção da saúde mental entre africanos e pessoas africanas em diáspora (Asante, 2009). Trata-se de uma forma de reavaliar como as pessoas negras se percebem e são percebidas no contexto ocidental, estabelecendo uma ideologia antirracista. Nas palavras do autor:

A Afrocentricidade também se anuncia como uma forma de ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista que é nova, inovadora, desafiadora e capaz de criar formas excitantes de adquirir conhecimento baseado no restabelecimento da localização de um texto, uma fala ou um fenômeno (Asante, 2016, p.11).

Simultaneamente, a psicanalista e psiquiatra brasileira Neusa Santos Souza (1983/2021) argumenta que a subjetividade e a formação psíquica das pessoas negras são influenciadas por imaginários de um Outro branco, que estabelece o padrão do que é considerado "bom", bonito e socialmente aceitável, impactando a autoimagem do sujeito negro. Desse modo, a autora afirma que a verdadeira autonomia subjetiva é alcançada por meio de um discurso próprio, algo que, de maneira geral, é negado às pessoas negras e africanas em diáspora. Sendo assim, compreende-se que a afrosubjetividade representa uma afirmação do lugar de sujeito para pessoas negras em relação à sua própria história e vivências, desafiando os paradigmas tradicionais da dominação conceitual europeia sobre o que significa ser negro. Como bem observa a psicóloga e pesquisadora Maylla Chaveiro (2023),

Consideramos aqui que a produção de estratégias e ferramentas metodológicas alternativas às perspectivas universais validadas pela racionalidade ocidental podem ser vislumbradas a partir da concepção de afrocentricidade para se pensar em constituição de afrosubjetividade, sentimentos, emoções, potências e agência de pessoas negras (Chaveiro, 2023, p.7).

Ademais, o processo de assimilação das pessoas negras para galgar espaços de poder intersecciona (Crenshaw, 2004) com a violência racial, sexo, gênero e classes que atingem as mulheres negras de modo a compor suas subjetividades. Salienta-se que essa construção social se intensifica em culturas e tempos históricos distintos, de modo que os

estereótipos são continuamente alimentados, construídos e legitimados, impactando diretamente no sofrimento de mulheres negras. Dessa forma, o “ser negra” e o “ser mulher” estão carregados de expectativas com relação ao cuidado do outro, à objetificação do corpo da mulher negra e à doação sem esperar reciprocidade, como um rebatimento do processo de escravização. O trabalho remunerado em profissões relacionadas ao cuidado é ínfimo e, como a maioria das famílias lideradas por mulheres é classificada como monoparental, elas necessitam garantir a subsistência. Por vezes, ansiando por melhores condições socioeconômicas, acabam se alienando ao patriarcado supremacista branco contemporâneo, afastando-se das construções coletivas e se alimentando de narrativas que valorizam a meritocracia. Nesse sentido, cabe destacar:

A pobreza devastadora e as crescentes lacunas entre as pessoas negras que ganharam acesso ao privilégio econômico e a vasta maioria que, ao que parece, ficará pobre para sempre dificultam a construção e o sustento da comunidade por parte dos indivíduos. Os laços de parentesco entre as pessoas negras são mais facilmente ameaçados e rompidos agora do que em outros momentos históricos, quando o bem-estar material era mais difícil de ser obtido pelas pessoas negras. O vício generalizado, difundido em todas as classes de pessoas negras, é outra indicação de nossa crise coletiva. As pessoas negras são, de fato, feridas por forças dominadoras. Apesar de nosso acesso aos privilégios materiais, todas as pessoas negras são feridas pela supremacia branca, pelo racismo, pelo sexismo e por um sistema econômico capitalista que nos condena coletivamente em uma posição de subclasse (hooks, 2023, p. 17).

A organização coletiva contínua para encontrar e compartilhar maneiras de nos curar é uma ferramenta disponível e necessária, pois as armas do senhor não desmantelarão a casa grande (Lorde, 2000). As obras literárias afrocentradas que remetem à dor com a qual as pessoas negras lidam nos aproximam conscientemente do sofrimento coletivo contemporâneo e, sobretudo, conduzem-nos à confluência de maneiras de nos curar. Os espaços acadêmicos pelos quais a autora passou indicavam e denunciavam que as experiências de violências sofridas não eram simplesmente por questões econômicas. Nesse mister, o privilégio racial evidencia como, em todos os níveis, o grupo branco afirmou sua supremacia às expensas e em presença do negro. Assim, a exploração não foi apenas econômica; o grupo dominante também extraiu uma mais-valia psicológica, cultural e ideológica colonizadora. De uma forma “sofisticada”, a exploração

permaneceu, embora não nos silenciemos diante das violências raciais enfrentadas (Gonzalez, 2020).

Similarmente, no âmbito do núcleo de pesquisa, também percebemos e discutimos as confluências do academicismo e do racismo institucional em nossas produções acadêmicas enquanto mulheres negras. Se, para ingressar em instituições acadêmicas, o desafio persiste, para permanecer é necessário muito mais; é imprescindível o cuidado com a saúde mental, pois o corpo ou a imagem corporal é um dos componentes fundamentais na construção da identidade do indivíduo (Santos, 1983/2021). A imagem ou enunciado que o sujeito tem de si estão baseadas nas experiências de dor, prazer ou desprazer. Os desafetos afetam e adoecem a população não branca nas Universidades; sobreviver em espaços hostis e desafiadores requer aquilombamento e escuta afetiva daqueles que conseguiram passar e se manter vivos no processo. Como Neusa Santos contribui (1983/2021):

A discriminação de que seu corpo é objeto, não dá tréguas à humilhação sofrida pelo sujeito negro que não abdica de seus direitos humanos, resignando-se à passiva condição de “inferior”, curiosa e trágica contradição. É no momento mesmo em que o negro reivindica sua condição de igualdade perante a sociedade que a imagem de seu corpo surge como um intruso, como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade. Um dos entrevistados dizia: “Eu sinto o problema racial como uma ferida. É uma coisa que penso e sinto todo o tempo. É um negócio que não cicatriza nunca” (Santos, 1983, p.08).

Assim, desconstruir o que foi construído sobre ser mulher negra, fugir dos estereótipos e da sexualização e objetificação do corpo negro feminino, e valorizar a produção, a *escrevivência* e a presença do corpo no mundo (Luedji Luna, 2017) é um processo árduo, já que a construção da identidade enquanto mulher negra também se constitui por meio de desconstruções (hooks, 2019). Por fim, a compreensão de afrosubjetividade emerge e interpassa tanto as questões raciais, quanto de gênero, como observado na análise interseccional. Com a necessidade de esperar e construir narrativas positivas de mulheres negras (Evaristo, 2005; Veiga, 2022; Chaveiro, 2023), a literatura de autoajuda constituída por *Irmãs do Inhamé* representa um resgate à ancestralidade, valorização dos afetos e da cultura, bem como das subjetividades negras.

Esse processo culmina, conseqüentemente, na promoção da saúde mental e na criação de espaços de construção de conhecimento antirracista e afrocentrado.

4 Considerações finais

13

A potência da obra literária *Irmãs do Inhamé*, de bell hooks, inaugura espaços e tempos de resistência, convidando-nos a olhar verdadeiramente para as feridas que são comuns às mulheres negras e a desenvolver, coletivamente, uma maior autoestima, irmandade e identidade, rompendo com os padrões cis-heteronormativos.

Nos encontros do Negrepsi, foi possível observar que, em coletivo, houve o acolhimento de necessidades que antes acreditávamos serem pessoais e, através da leitura, fomos identificando-as como coletivas. Ao expressar a dor, nomeá-la e reconhecer sua existência, rompendo com a negação, foi possível viver determinados lutos e recomeçar. Dialogar sobre temas como autocuidado, verdade, autorrecuperação, trabalho, propósito, conexão, perdas, responsabilidades, amor romântico, estresse, paz, comunhão e reconciliação de forma interseccional, investigando como as manifestações de gênero, raça, classe e sexo perpassam e confluem em nossas relações, se mostrou primordial, já que as violências sofridas impactam e deixam marcas profundas que podem ser curadas e ressignificadas quando erguemos a voz.

Desse modo, desaprender a maneira convencional de ser, estar e pensar no mundo e encontrar nosso caminho de volta aos momentos celebrados em coletivo por nossa ancestralidade proporcionou ao grupo, paulatinamente, a capacidade de lidar com a realidade imposta e criar estratégias de enfrentamento, a citar as mudanças da vida e da morte. Partindo do entendimento de que abandonar antigos modos e romper com padrões é como morrer, implica deixar para trás os antigos modos de vida para, assim, seguir com novas possibilidades, repletas de significados e relações.

Ademais, a literatura negra é porta de entrada para a possibilidade de sonhar e ressignificar experiências, compreender angústias, nutrir-se da experiência coletiva e

individual como modo de recriar realidades, promover novas narrativas e romper com violências. (Monteiro, 2018; Evaristo *et al.*, 2020; Veiga, 2021).

Portanto, a leitura e estudo da obra são um bálsamo que conduz, no coletivo e para o coletivo, à tomada de consciência crítica, concedendo recursos possíveis para a constituição da afrosubjetividade de mulheres negras em um contexto de colonialidade. No decorrer desta pesquisa, também se tornou evidente que, embora a obra seja referida como um afago na alma de nós, mulheres negras, o que possibilita discussões e identificações por parte das leitoras, também deve ser lida e compreendida de maneira célere por pessoas brancas, desempenhando um papel fundamental na luta antirracista, na conscientização pública e no despertar crítico de toda a sociedade, ao conduzir a novas perspectivas.

Referências

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93–110.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. **Ensaio Filosóficos**, 2016.

BENEDITO, M. de S.; FERNANDES, M. I. A. Psicologia e racismo: as heranças da clínica psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. spe, p. e229997, 2020.

BORGES, Bárbara; GOMES, Francinai. **Saber de mim: autoconhecimento em escrituras negras**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2023.

CHAVEIRO, Maylla M. R. de S. **Cabelos crespos em movimento(s): infância e relações étnico-raciais**. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2020.

CHAVEIRO, M. M. R. de S. Psicologia africana e clínica afrocentrada: estratégias e ferramentas metodológicas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 16, Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1590>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CHAVEIRO, M. M. R. de S. Interseccionalidade e sua pluralidade conceitual: um quadro comparativo entre autoras = Intersectionality and its conceptual plurality: a comparative chart between authors. **Revista Desenvolvimento Social**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 58–77, 2023. DOI: 10.46551/issn2179-6807v29n2p58-77. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/7121>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, p. 139–167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In*: **UNIFEM. Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: UNIFEM, 2004.

EVARISTO, Conceição. Da representação à autoapresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52–57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>.

EVARISTO, Conceição *et al.* A escrevivência e seus subtextos. *In*: **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. v. 1, p. 26–46, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher: mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **Irmãs do inhome: mulheres negras e autorecuperação**. São Paulo: Martins Fontes, 2023.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUNA, Luedji. **Um corpo no mundo**. 2017. [Gravação musical].

MONTEIRO, Deborah. Literatura negra: do direito ao sonho. **Revista Crioula**, n. 21, p. 156–175, 2018.

SANTOS, Victoria Andrade dos *et al.* A saúde das mulheres negras: atuação da psicologia na atenção básica. **Saúde e Sociedade**, v. 32, n. 2, p. e220410pt, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. [1ª ed. 1983].

VEIGA, Lucas. **Clínica do impossível**: linhas de fuga e de cura. São Paulo: Telha, 2022.

ⁱ **Carine Campos Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0758-6916>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Psicóloga pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Mestranda em Psicologia e Famílias pela mesma instituição. Co-Diretora Geral Discente da Liga Acadêmica de Relações Étnico-Raciais Sankofa; Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Relações Étnico-Raciais (Negrepsi) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Interseccionalidade e Masculinidades (Nepim).

Contribuição de autoria: Redação, análise dos dados e fundamentação epistemológica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4771166922588596>

E-mail: carinecampos.santos@yahoo.com

ⁱⁱ **Leiliane da Silva Bernardes**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3177-1003>

Universidade Paulista – Júlio de Mesquita Filho

Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal de Uberlândia - MG. Pós-Graduada em Políticas Sociais e Questão Racial pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social pela Universidade Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Bacharel em Serviço Social pela UNIPAC-MG.

Contribuição de autoria: Redação, análise dos dados e fundamentação epistemológica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9770659602675076>

E-mail: leilianebernardesoficial@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Sara Santos Dias Costa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1822-0450>

Faculdades Associadas de Uberaba – FAZU

Psicóloga pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2022). Mestra em Psicologia na linha de pesquisa Psicologia e Saúde pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM (2024). Professora do curso de Psicologia das Faculdades Associadas de Uberaba - FAZU.

Contribuição de autoria: Redação, análise dos dados e fundamentação epistemológica.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7042106760043150>

E-mail: sasantosd@outlook.com

^{iv} **Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7581-105X>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra e graduada pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Contribuição de autoria: Redação, fundamentação epistemológica e formatação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0617185690120819>

E-mail: maylla.chaveiro@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Daiane Martins Rocha e Audrei Rodrigo Pizolati.

17

Como citar este artigo (ABNT):

SANTOS, Carine Campos; BERNARDES, Leiliane da Silva; COSTA, Sara Santos Dias; CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. Uma análise do livro *Irmãos do Inhamitanga* de bell hooks: interseccionalidade e constituição de afrosubjetividade de mulheres negras.

Rev. Pemo, Fortaleza, v. 8, e16070, 2026. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/16070>

Recebido em 15 de agosto de 2025.

Aceito em 04 de outubro de 2025.

Publicado em 13 de janeiro de 2026.